

QUATRO PALAVRAS AO LEITOR

Quando, no intuito de estudarmos o Espiritismo, demos princípio, em Maio passado, às nossas reuniões, bem longe estavamos de suspeitar que um dia havíamos de publicar o resultado dos nossos modestos trabalhos.

Levavamos a suspeita de encontrar, na nova doutrina, pontos ridículos — flancos vulneráveis — e motivos mais que suficientes, não só para votarmô-la ao desprêzo, como para sepultá-la por atentatória das sábias leis da moral evangélica; caso em que estavamos, de antemão, resolvidos a dissolver as nossas reuniões, voltando cada um de nós ao seu estado anterior.

Fôrça, porém, é confessar que redondamente falsa era aquela suposição e que infundada e ilegítima era ela.

Em vez de teorias ilógicas — afirmações ridículas — crenças supersticiosas e absurdas — e uma moral suspeita, deparâmos com uma filosofia robusta e acessível á razão, sancionada pelos fatos e solidamente firmando nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Movidos por uma fôrça superior e irresistível, demôs, em Setembro, um caracter mais formal ás reuniões, estabelecendo, em razão dos estudos feitos e das idéias aceitas, o *Círculo Cristiano-Espiritista*, já então decididos a darmos oportunamente, ao público, o fruto dos nossos trabalhos.

Sem o impulso superior e sem a fôrça de convicção e do dever que nos fizeram corajosos, não nos atrevêriamos a publicar êste livro.

Frágeis e fracos para resistirmos ao sopro do Aquilão — sem abrigo, além da consciência satisfeita, para

enfrentarmos com a tempestade, bem sabíamos que, da publicação dêste livro, só colheríamos desgostos e amarguras (1).

Débeis pigmeus, arrojamô-nos a pôr os olhos num colosso de dezenove séculos, cujo simples estremecimento podia aniquilar-nos.

Porque, então, não vacilamos — não trememos? Porque, como Daví, nos oferecemos ás iras de Goliat! Porque tão insólito valor, quando sabíamos que éramos irremessivelmente vítimas da fôrça?

Ah! uma voz mais poderosa que a de todos os colossos da terra, soou clara aos nossos ouvidos — e nós seguimos os seus preceitos, tomados da loucura do dever a que estamos resolvidos sacrificar tudo.

Como os primeiros cristãos, temos a fé precisa para desenrolar o divino estandarte dos ensinos de Jesus, embora tenhamos de sucumbir á sua gloriosa sombra.

Não nos amaldiçoeis, sacerdotes de Cristo, que vos julgais depositários da verdade absoluta. Somos vossos irmãos — e, mesmo que recusásseis o vosso coração á caridade, tão recomendada pelo Enviado do Altíssimo, não deixariamos de sê-lo.

Nós vos amamos e bendizemos, porque devemos assim fazer — porque devemos amar e bendizer todas as criaturas emanadas do pensamento de Deus.

Não nos amaldiçoareis, não! Dizei-vos cristãos — e estamos certos de que procedereis como cristãos. Não ignorais que Jesus repreendeu severamente a Tiago e a João (2) quando pediram o fogo do céu para sama-

(1) Poucos meses depois de publicada esta obra, o Ministro da Instrução Pública na Espanha, Marquez de Orovio, suspendia dos seus empregos de Diretor e segundo Professor da Escola Normal de Lérida, por causa das suas opiniões filosófico-religiosas, a D. Domingo de Miguel, presidente do "Círculo Cristiano-Espiritista", e ao autor do "Roma e o Evangelho".

(2) S. Lucas, cap. IX, vers. 54, 55 e 56.

citanos que recusaram recebê-los em uma das suas cidades.

E o que farieis, se chegasse a vós outros a palavra de Jesus dizendo-vos: "fazei isto"?

Farieis o que o Mestre vos ordenasse; e pois, deixai que o façamos nós.

O fim do presente livro é justificar o nosso procedimento e combater os erros plantados pelos homens na religião cristã, demonstrando que o Evangelho, longe de opôr-se á realização do progresso condenado pelos decretos de Roma, é a fonte e a grande alavanca do progresso infinito da humanidade.

É assim que, convencidos os homens de que o Cristianismo satisfaz todas as necessidades e legítimas aspirações, abraçá-lo-ão com entusiasmo e fé — e desaparecerão o indiferentismo e o culto da matéria.

Como, porém, a existência dos erros supõe a de indivíduos ou classes que os aceitam e sustentam, é impossível combatê-los sem ferir as suscetibilidades dêstes.

Afim, portanto, de evitar falsas interpretações que não estão em nosso ânimo, declaramos formalmente que, nem antipatias, nem prevenções, nem má vontade, e tão pouco desejo de ofender ou prejudicar alguém, moveram, direta ou indiretamente, a nossa pena, pois ela é exclusivamente dirigida pelos impulsos da consciência.

Quando censuramos referindo-nos ao clero ou ás autoridades da igreja, deve isso ser entendido como dirigido aos êrros e abusos, nunca porém aos indivíduos ou classes; pois que, se nos julgamos autorizados a censurar mistificações, direitos não presumimos ter de condenar aos que por ventura vêm o bom uso no abuso — e a verdade no êrro.

E como poderíamos condenar, se o princípio capital da nossa doutrina é a caridade e o perdão?

Tudo tem sua razão de ser — e tudo contribue e

coopera para o cumprimento da lei que preside á criação.

Moisés não podia deixar de preceder a Jesus, porque o povo hebreu, grosseiro, material e prevaricador, não estava em condições de receber o Evangelho.

Tão pouco Jesus não ensinou tudo o que sabia, porque a geração do seu tempo não suportaria o peso de todas as verdades (1).

Por isto, ele serviu-se de alegorias e de parábolas que, se no momento se prestavam a errôneas interpretações, mais tarde deveriam ser entendidas em seu verdadeiro sentido.

Quem, entretanto, poderá com razão acusar Moisés, pela dureza das suas leis, e Jesus, por haver falado ou dito em linguagem obscura o que não convinha revelar?

A inspiração e a palavra de Deus são sucessivas, e a humanidade vai recolhendo-as á medida das suas necessidades.

Por conseguinte, não podemos culpar a igreja romana por erros que não são seus, mas sim da miséria dos tempos e da ignorância das gerações que se têm sucedido apóis a morte de Jesus.

Julgamos ter manifestado com bastante clareza os nossos pensamentos: tudo pela idéia — nada contra as pessoas.

Se, depois do exposto, alguém se julgar ferido por qualquer frase nossa, sentiremos; mas a culpa não é nossa.

As pessoas, repetimos, merecem-nos indistintamente o mais cordial respeito; os erros, eis o que nos propomos combater.

Lérida, Abril de 1874.

O Círculo Cristiano-Espiritista.

(1) S. João, cap. XVI, vers. 12.

R O M A E O E V A N G E L H O